

BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DE FILOSOFIA

PLANO

OBRAS GERAIS

Bibliografias. Dicionários. Periódicos.
 Atas. Miscelâneas. Congressos. Simpósios.
 Tratados. Cursos. Manuais.
 Introduções. Ensino. Didática. Pesquisa.

ESTUDOS HISTÓRICOS

Histórias Gerais.
 Histórias Especiais.
 História da Filosofia Brasileira.

ESTUDOS DE AUTORES

Autores Antigos.
 Autores Medievais.
 Autores Modernos.
 Autores Contemporâneos.
 Autores Brasileiros.

EDIÇÕES DE TEXTOS

Textos Antigos.
 Textos Medievais.
 Textos Modernos.
 Textos Contemporâneos.
 Textos Brasileiros.

ESTUDOS SISTEMÁTICOS

Epistemologia.
 Lógica.
 Teoria da Filosofia.
 Metodologia Científica.
 Epistemologia das Ciências.
 Ontologia.
 Filosofia da Natureza.
 Antropologia Filosófica.
 Teodicéia.
 Axiologia.
 Estética.
 Ética.
 Filosofia da História.
 Filosofia Social.
 Filosofia Política.
 Filosofia da Educação.
 Filosofia da Ciência.
 Filosofia da Arte.
 Filosofia da Cultura.
 Filosofia da Linguagem.
 Filosofia da Religião.
 Filosofia da Economia.
 Filosofia do Direito.
 Filosofia do Trabalho.
 Filosofia do Lazer.

BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DE FILOSOFIA

OBRAS GERAIS

BIBLIOGRAFIA:

187. SESC, *Coleção Bibliográfica* — 1975, Rio, Sesc, (6): 1 — 260, 1975

Listagem das publicações incorporadas ao acervo da Seção de Documentação da Divisão de Documentação e Intercâmbio do Departamento Nacional do Sesc. A classificação sistemática tem as seguintes divisões: coleção de referências, coleção de livros, coleção de periódicos, artigos de periódicos indexados, coleção de documentos avulsos.

INTRODUÇÕES:

188. PARISI, Mário e COTRIM, Gilberto Vieira, **TDF: Trabalho dirigido de filosofia: 2º grau**, São Paulo, Saraiva, 1977, 208 p.

Texto didático de iniciação à filosofia para classes de 2º grau, elaborado de acordo com a técnica de trabalho dirigido. É rico em ilustrações, servindo-se os autores dos mais variados recursos da comunicação verbal e visual para exporem os grandes temas da filosofia, assim como seus principais momentos históricos.

ESTUDOS HISTÓRICOS

HISTÓRIA DA FILOSOFIA BRASILEIRA:

189. HEGENBERG, Leônidas, *A filosofia da ciência no Brasil*, **Suplemento Cultural**, 1 (10): 8 — 10, 19/12/76.

Amplio levantamento dos trabalhos produzidos no campo da filosofia da ciência, indicando os principais centros de estudos, assim como

os nomes mais representativos desta especialidade. O autor, após rápida síntese da formação histórica do pensamento filosófico brasileiro sobre a ciência, se detém sobretudo na análise dos grupos e tendências formados após 1960.

190. PAIM, Antônio, Progressos recentes no estudo do pensamento brasileiro, **Suplemento Cultural**, 1 (19): 5, 20/2/77.

Abordagem rápida e abrangente do momento filosófico universitário no Brasil. Seguindo Miguel Reale e seu método para nortear o estudo da difusão da meditação filosófica nacional, ressalta a grande contribuição dada pelos filósofos brasileiros à filosofia mundial que, nos últimos 150 anos, se faz à margem de sistemas, privilegiando determinados problemas. Realça a participação do IBF nos 27 últimos anos neste movimento, dedicando-se agora a reeditar obras de pensadores brasileiros. Reflexo igual desta nova situação é o grande interesse das Universidades quanto ao estudo do pensamento filosófico brasileiro; 10 centros universitários mantêm cursos de pós-graduação, com grande número de teses sobre a filosofia brasileira e a criação de coleções especializadas que se dedicam igualmente ao pensamento nacional. L.T.T.

191. PAIM, Antônio, O ciclo de formação da corrente eclética (1833 – 1848), **Rev. Bras. Fil.**, 26 (104): 468 – 475.

O autor estuda a formação da corrente eclética brasileira a partir de seus pensadores, influenciadores e discípulos. Faz a apresentação de alguns pensadores nacionais de importância vital para a filosofia brasileira que, desmerecidamente, se encontram esquecidos. C.E.T.S.

ESTUDOS DE AUTORES

AUTORES ANTIGOS:

192. MACIEL, Jarbas, Atualidade cosmológica platônica, **Rev. Bras. Fil.**, 26 (104): 436 – 459.

O autor ressalta a importância atual dos conceitos platônicos, expondo também que a ciência é fundamentalmente relacionada à ma-

temática e a seus conceitos e, principalmente, à Geometria, a qual serve de apoio para a cosmologia de Platão. O autor aborda também o tema do conhecimento, da continuidade das coisas e do espaço, do ponto de vista platônico. C.E.T.S.

AUTORES MEDIEVAIS:

193. PAULA SOUZA, Francisco de, A doutrina aristotélico-tomista da ciência, *Reflexão*, 1(4): 1 – 89.

Trata-se da síntese da tese de doutoramento em filosofia, apresentada pelo autor junto à Universidade de S. Tomás de Aquino, de Roma. Nela, expõe o autor os fundamentos epistemológicos da concepção aristotélico-tomista da ciência, entendida como conhecimento do universal, do necessário e das causas. Tal conhecimento aparece fundado no realismo da gnosiologia clássica, servindo-se, contudo, tanto da indução quanto da dedução. O autor apresenta, por fim, comparando-as entre si, as classificações das ciências segundo Aristóteles e S. Tomás de Aquino.

AUTORES MODERNOS:

194. CASANOVA, Mário Leônidas, A natureza inextensa do eu no “Cogito” de Descartes, *Suplemento Cultural*, 1 (24): 14 – 15, 27/3/77.

O autor, após elogiar a síntese do sistema filosófico de Descartes, escrita por Rudolf Lanz, no nº 14 do *Suplemento*, aponta os seus erros no tocante à interpretação do “Cogito, ergo sum”, interpretação que poderia levar os leitores menos familiarizados com o assunto a errarem também. Segundo Casanova, quando Lanz escreve sobre a dúvida metódica de Descartes, o faz sempre sem o necessário cuidado de reflexão interpretativa e o resultado aparece distorcido do real raciocínio metafísico cartesiano. M.C.R.P.

195. KNOLL, Víctor, O papel da consciência na filosofia moderna e a noção de intencionalidade, *Cadernos do Inst. de Fil. e Ciências Humanas, Campinas – SP, Unicamp-Brasiliense*, (7): 1 – 24.

O texto é resultado de dois seminários de Pós-Graduação, promovidos pelo autor em 1973; nele visa tratar, de modo sumário, do

papel da consciência na filosofia moderna e marcar a possibilidade com que a fenomenologia se apresenta para a Filosofia ao ter firmado, através dos textos husserlianos, a noção de intencionalidade. A consciência é apresentada enquanto categoria privilegiada da filosofia de Descartes, de Kant e de Hegel. Em Descartes encontrara seu primeiro ato, em Kant, um entreato e em Hegel, seu último ato. Em Husserl, ocorrerá o rompimento com esta tradição clássica, por ter ele formulado a consciência como intencionalidade.

196. LANZ, Rudolf, Goethe e o Goetheanismo, **Suplemento Cultural**, 1 (15): 15.

O autor procura dar as características da obra filosófica de Goethe. Relembrando-o como grande poeta lírico e dramático, detém-se no estudo de sua obra filosófica. Expõe a sua cosmovisão totalmente diversa da maneira de pensar dos séculos XIX e XX, eivados de materialismo científico e de pragmatismo utilitarista. Goethe se opõe a Leibniz, para quem a ciência é ciência na medida em que contém matemática. E a Descartes que extrapola áreas fenomenológicas. Com uma abordagem da natureza muito diferente da de Newton, lança-lhe severa crítica. O autor expõe ainda a novidade do que podemos chamar de Goetheanismo. Para Goethe, ser realista e objetivo é adaptar as formas primordiais pela contemplação ativa ou pela identificação com as idéias mestras que se expressam num fenômeno da natureza. Nos estudos científicos deve-se respeitar as áreas ou âmbitos de determinados fenômenos, reduzindo os fenômenos secundários captados pelos órgãos sensoriais do homem a fenômenos primordiais que são os fatos mais simples a que se pode reduzi-los e, por isso, evidentes em si. N.R.C.

197. LANZ, Rudolf, Precusores e continuadores de Descartes, **Suplemento Cultural** 1 (14): 8 – 9, 16/1/77.

O articulista mostra o pensamento cartesiano sendo preparado pelo pensamento dos grandes cientistas que o precederam e completado, em alguns aspectos, por pensadores que o sucederam, até que se formasse a cosmovisão do cientificismo materialista de nossa época. Tal contribuição possível de se encontrar nos trabalhos de Kepler, de Galileu e de Newton. Contudo, nem todos os pensadores da época acompanharam as deduções

cartesianas. Apesar de também cientistas, Pascal, Espinosa e Leibnitz adotam uma posição de recuo, tentando conciliar ainda o mecanicismo com a teleologia.

198. LEBRUN, Gerard, Hume e as astúcias de Kant, **Suplemento Cultural**, 1 (9): 7 -- 8.

O autor mostra a partir da análise da noção humeana da causalidade, como Kant defende a ciência enquanto prática racional, apenas para ressaltar os direitos da razão em geral e, notadamente, o direito de pensar, senão de conhecer, o supra-sensível. Por isso, Kant não é coerente com a crítica que faz a Hume para o qual a ciência se sustenta por conta própria sem ter de se fundar em qualquer saber universal.

199. MARTINS, Azael Duarte, Jhering: a Luta pelo Direito, **Reflexão**, 1 (4): 107 – 114, dez. 1976.

Seguindo o livro de R. von Jhering, **A luta pelo direito**, o autor expõe a gênese e a formação do pensamento filosófico desse jurista, assim como algumas posições específicas por ele assumidas no campo da filosofia do direito, dando-se especial ênfase às necessidades que se impõem a todo homem, da defesa de seus próprios direitos sem o que perde sua dignidade.

200. MATTOS, Carlos Lopes de, Espinosa: ambiente, vida e obras, **Rev. Bras. Fil.**, 26 (104): 427 – 435, abr. 1977.

O autor faz um breve histórico acerca da época do nascimento de Espinosa, com observações sobre as tendências religiosas e políticas daquele período e referências geográficas. Estuda a vida deste pensador desde seu nascimento até sua maturidade, citando suas obras, publicadas ou não, e fazendo sua preciosa biografia. C.E.T.S.

AUTORES CONTEMPORÂNEOS:

201. FERREIRA, Olevieiros S., Variações sobre um tema de Gramsci, **Suplemento Cultural**, 1 (21): 13 – 14, março, 1977.

Da revisão da obra de Gramsci, fundador do PCI, poderão surgir as bases políticas para um eurocomunismo destituído da estreiteza leninista quanto à organização partidária e às relações do Partido com as manifestações da vida social. O autor analisa, então, o conceito de hegemonia, definido pelo binômio: força mais consenso. No Estado, organização formal, detentor de legalidade própria e autonomia, o momento por excelência da força situa-se no núcleo do poder onde se dão as decisões unitárias, coletivas, apoiadas no meio social interno. Daí exercer-se a força em nome de um Partido para impor normas de conduta. Mas é no consenso, que só se dá em torno de valores, que reside a dificuldade em definir hegemonia como conceito operatório. J.D.

202. HEGENBERG, Leônidas, Feyerabend e o valor da teoria científica, **Suplemento Cultural** 1 (20) : 16, 27/2/77.

O autor nos apresenta Feyerabend, discípulo, continuador e crítico de Popper, que em seu primeiro livro **Against Method** expõe sua posição em face da metodologia da ciência. Partindo das idéias de Popper, Feyerabend acha que nelas há um núcleo empírico que dá idéia de empirismo radical, mas prefere e justifica o pluralismo teórico porque é possível uma filosofia da ciência em que as observações se prestam para submeter a teste várias teorias. M.E.C.

203. GABBI JR., Osmir Faria, Equívocos de uma interpretação, **Suplemento Cultural**, 1 (21): 12 – 13, março, 1977.

O artigo analisa a interpretação e o questionamento do conceito de agressividade contido nos textos de Freud, efetuados por Erich Fromm a partir de metodologia psicanalítica e fundamentada em fatos sociais. E o autor conclui que a preferência metodológica por um segundo texto, o latente, a ser descoberto em contraposição ao manifesto, que se apresenta, permitiu a Fromm transformar a obra de Freud em ensaio grosseiro de seu próprio projeto. J.D.

AUTORES BRASILEIROS:

204. SCHAEFFER, Maria Lúcia Garcia Palhares, Anísio Teixeira: uma motivação regionalista, **Suplemento Cultural**, 1 (7): 8 – 9, 28/11/77.

O artigo coloca como preocupação fundamental do pensamento educacional de Anísio Teixeira, a preocupação regionalista, verdadeiro denominador comum de todas as posições que ele defendeu. Esta preocupação pela regionalização do ensino foi, igualmente, fator determinante da evolução de seu pensamento, aparecendo em todas as suas fases.

205. MACEDO, Ubiratan de, Soriano de Souza: primeiro pensador católico no Brasil, **Suplemento Cultural**, 1 (22): 8, 13/3/77.

O artigo apresenta-nos José Soriano de Souza, médico e depois professor de Filosofia e Direito, no Recife, como primeira expressão do pensamento político-católico brasileiro, em meados do séc. XIX. Doutorou-se em Medicina em 1860 e em Filosofia, em Lovaina, em 1866; além de deputado, de docente jurídico, e jornalista, salientou-se no debate sobre a liberdade religiosa na questão epíscopo-maçônica que envolvera D. Vital. O núcleo de sua atitude teórica encontra-se no binômio: naturalismo e sobrenaturalismo, em cuja explicitação afirma que na ordem política, o naturalismo não admite a influência do sobrenatural nas instituições sociais. O poder deve nascer do povo e não de Deus; o Estado deve separar-se da Igreja; o Rei deve existir por graça do povo e não por graça de Deus: contra tais teses naturalistas, colocou-se Soriano, revelando-se um exemplo da tradição conservadora. Lutou contra a insubordinação da razão à fé e da filosofia à revelação. Refletiu sobre os costumes morais da época e tentou construir um sistema antitético e simétrico ao liberalismo. J.J.

TEXTOS MODERNOS:

206. ENGELS, Friedrich, **A dialética da natureza**, Rio, Paz e Terra, 2ª ed. 1976. Prólogo de J. B. S. Haldane (Col. Pensamento Crítico, vol. 8), 240 págs.

Engels desenvolve neste trabalho suas concepções relativas à interpretação racional do universo e de seus fenômenos. Após definir o seu instrumental, a dialética como ciência, Engels estuda as formas fundamentais do movimento, sua medida pelo trabalho, o calor, a eletricidade e a origem do homem. Escrito entre 1870 e 1876, só foi publicado em 1935.

207. MARX, Karl, **O Capital: Crítica da Economia Política**, Rio, Civilização Brasileira, 1974 – 1976, 3 livros, 6 vols. Trad. Reginaldo Sant’Anna, 934 – 580 – 1080 p.

Trata-se da clássica obra de Marx, integralmente publicada em português. Dividida em 3 livros e em 6 volumes, o livro 1 já se encontra em sua 3ª edição. O livro 1 trata do processo de produção do capital; o livro 2, do processo de circulação do capital e o livro 3, do processo global de produção capitalista.

208. MARX, Karl, **Formações econômicas pré-capitalistas**, Rio, Paz e Terra; trad. de João Maia; revisão de Alexandre Adder; introdução de E. J. Hobsbawn (Col. Pensamento Crítico, vol. 3), 140 p.

O presente trabalho constitui-se de notas concisas e complexas escritas por Marx com o intuito de preparar obra de maior envergadura e que apresentam uma visão ampla de sua concepção do desenvolvimento da sociedade. Esta teoria é introduzida por trabalho de hermenêutica de Hobsbawn que apresenta a formação e o sentido das posições assumidas por Marx nestas notas.

209. MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, **Cartas filosóficas e outros escritos**, São Paulo, Grijalbo, 1977, 132 p.

Neste texto são reunidos excertos de algumas das principais cartas, de conteúdo filosófico significativo, escritas por Marx a Engels e por eles a outros correligionários da época; numa 2ª parte, é apresentado o texto do **Manifesto** de 1848, com prefácios das edições nas várias línguas em que o publicaram; o livro termina com um índice de nomes dos personagens citados na correspondência e no **Manifesto**.

210. MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, **Textos – 2**, São Paulo, Edições Sociais, 1976, 224 p.

Coletânea de textos dos dois filósofos: de Marx, a presente obra traz os seguintes excertos: Prefácio à 1ª edição alemã do 1º tomo de **O Capital**; Posfácio à 2ª edição alemã do 1º tomo de **O Capital**; Tendência

histórica de acumulação capitalista; de Engels constam os seguintes trabalhos: Prefácio ao tomo 2 de **O Capital** de Marx; Contribuição ao problema da habitação; Sobre a autoridade; Prefácio de **A Guerra camponesa na Alemanha**; Acerca das relações sociais na Rússia; Introdução à dialética da natureza; Marx e a Nova Gazeta Renana: 1848 – 1849; Contribuição à história da Liga dos Comunistas; Karl Marx: Discurso diante da sepultura de Marx.

211. MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, **Textos – 3**, São Paulo, Edições Sociais, 1977, 384 p.

Coleção de vários textos, artigos, prefácios e cartas dos dois pensadores, salientando-se o texto do **Manifesto do Partido Comunista**, A Burguesia e a Contra-Revolução; Trabalho Assalariado e capital; As lutas de classes na França de 1848 a 1850; O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte; O domínio britânico na Índia; Futuros resultados do domínio britânico na Índia; Discurso pronunciado na festa de aniversário do People's Paper, Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política, Manifesto de lançamento da Associação Internacional dos Trabalhadores; Sobre Proudhon, Carta a J. B. Schweitzer; Salário, preço e lucro.

TEXTOS CONTEMPORÂNEOS:

212. GRAMSCI, Antônio, **Maquiavel, a política e o Estado moderno**, Rio, Civilização Brasileira, 1976, 2ª ed.; trad. Luiz Mario Gazzaneo, (Col. Perspectivas do Homem, vol. 35, série Política), 446 p.

Conjunto de escritos e notas do autor abordando temas políticos da era contemporânea. Analisa a questão da organização corporativista do estado, a função do partido político na sociedade de classes, o papel do dirigente político revolucionário, a ação política dos católicos e escreve sobre o americanismo e o fordismo. Abordagem crítica e polêmica, escrita durante o período em que esteve preso, enfoca, de modo especial, o presente e o futuro da sociedade política ocidental em função do desenvolvimento científico e tecnológico.

ESTUDOS SISTEMÁTICOS

EPISTEMOLOGIA:

213. JAPIASSU, Hílton Ferreira, **Introdução ao pensamento epistemológico**, Rio, Francisco Alves, 2ª ed. revista e ampliada, 1977, 204 p.

Trata-se da 2ª edição da obra de mesmo título, publicada pelo autor em 1975. Assinalada por esta Bibliografia (cf. nº 13) e resenhada por esta revista (cf. 1 (3): 187 – 189). Nesta edição, o autor insere, ao lado de seus estudos sobre a epistemologia de Piaget, de Bachelard, de Foucault e de Habermas, um estudo sobre a epistemologia racionalista-crítica de Popper.

214. FETIZON, Beatriz Moura, Fato e Fato, **Suplemento Cultural**, 1 (24): 14, 27/3/77.

O texto explicita a diferença entre “fato” tomado como o conjunto de dados sensíveis que formam a nossa percepção imediata do mundo e “fato” encarado do ponto de vista do conhecimento comum ou científico. A autora aborda ainda que, qualquer que seja o sentido que se queira dar ao “fato”, não se deve ater ao nível do dado e do imediato, porque se estará distanciando do conhecimento que permite interpretar, operar, entender, manipular e superar o fato. Isto levará a uma visão restrita do mundo e de nós mesmos, o que representa um perigo para a educação que pede abertura para a imaginação operar com todas as suas possibilidades, criando, inventando e abstraindo a respeito dos fatos.

METODOLOGIA CIENTÍFICA:

215. TRIPODI, Tony e outros, **Análise da pesquisa social: diretrizes para o uso de pesquisa em serviço social e ciências sociais**, Rio, Francisco Alves, 1975; trad. Geni Hirata, 341 p.

O livro estuda a pesquisa empírica relevante para o serviço social e para as ciências sociais, visando não tanto à condução da pesquisa mas o seu consumo, pela intensificação das habilidades para este consumo.

Objetiva, portanto, tornar mais útil e mais agradável a leitura dos relatórios de pesquisa. Assim, numa 1ª parte, são apresentadas as diretrizes para a classificação, avaliação e utilização da pesquisa social e, na 2ª parte, são feitas aplicações práticas concernentes à análise da pesquisa social, no caso de estudos experimentais, de estudos quantitativo-descritivos e de estudos exploratórios.

216. PROSPERI, Edna B. e RIBEIRO, Cleone A. L. A., Métodos e Técnicas de pesquisa em ciências humanas: levantamento bibliográfico por tópicos, **Humana**, 1: 37 – 75, 1975.

Considerando que a bibliografia referente ao tema é reduzida e não atualizada, as autoras organizaram um levantamento bibliográfico por tópicos referentes a métodos e técnicas de pesquisa em ciências humanas, visando a facilitar o trabalho de professores e autodatas mais desenvolvidos no assunto. O levantamento, embora não pretenda ser exaustivo, procura ser abrangente face às limitações que existem na área. O nível e grau de clareza do material apresentado são heterogêneos, cabendo aos interessados, selecionarem-no segundo suas necessidades imediatas. C.V.R.S.

ONTOLOGIA:

217. MATTOS, Carlos Lopes de, Monismo ou Pluralismo ?, **Reflexão**, 1 (4): 89 – 92, out./dez. 1976.

Retomando discussão estabelecida entre frei Pedro Secondi e côn. Ludovico Rossano sobre os termos “composição” e “dualismo”, o autor discorre sobre os conceitos de monismo e pluralismo, de transcendência e imanência, no que diz respeito às relações ontológicas existentes entre Deus e as criaturas.

218. PIRES, Francisco Videira, Atualidade da metafísica, **Rev. Univ. Cat. Petrópolis**, (3): 35 – 52, jul. 1976.

O autor parte de uma questão básica: pode haver filosofia sem metafísica? Sua resposta é não. Lançando mão de controvérsias sobre o tema, desde Platão até Kant, termina por determinar que tais controvérsias

se originam de uma falta de precisão de termos e conceitos, e que o problema da metafísica continua como dos mais importantes da filosofia atual e de relações entre linguagem e filosofia. Conclui prevendo a metafísica como a solução para a crise cultural de nossos dias, para o desprestígio e ausência atual da filosofia e para a crise progressiva que se evidencia nas demais ciências. L.H.

TEODICÉIA:

219. CAMPOS, Fernando Arruda, O tomismo atual no diálogo com o marxismo a respeito do problema de Deus, *Rev. Bras. Fil.*, 26 (104): 411 – 426 págs., abr., 1977.

O autor coloca a importância do diálogo entre as filosofias antagônicas, o humanismo cristão (tomismo) e o humanismo marxista. Cita as contribuições de Verneaux, Feuerbach, Marx, Abbagnano, Calvez, Lubac, Vancourt, Grison e de Finance, que focalizam a problemática da existência de Deus, do conhecimento de sua essência, do realismo metafísico e da alienação do homem, sugerindo também se faça uma opção entre as duas filosofias. C.E.T.S.

ANTROPOLOGIA:

220. FETIZON, Beatriz de Moura, O homem: da ciência ao carnaval, *Suplemento Cultural*, 1 (28): 7 – 8, 24/4/77.

A autora mostra como as diversas dimensões da existência humana se agrupam em duas direções fundamentais e conflitantes entre si: a natural e a cultural. O agir do homem é marcado por vetores opostos e, numa ou noutra medida, sempre presentes na configuração individual. A existência humana se desdobra, então, numa situação trágica a qual o indivíduo tenta superar, seja apelando para os artifícios da reflexão racional do homem pensante, seja recorrendo às manifestações dionisíacas de identificação com o indiferenciado e com a totalidade.

221. FETIZON, Beatriz de Moura, Imperativo categórico, *Suplemento Cultural*, 1 (14): 9 – 10, 16/1/77.

Refletindo sobre a evolução da cultura ocidental, a autora mostra que um mesmo problema gerou e uma mesma preocupação orientou os desdobramentos das revoluções sofístico-socrática e copernicana: trata-se da questão do homem enquanto homem. Diferentemente, na Revolução do séc. XX, que ora vivemos, na crise atual pela qual a cultura está passando, a questão não é mais posta em relação ao homem enquanto tal, mas ao homem enquanto eu individual, numa existencialização da problemática filosófica, numa espécie de tentativa de construir universos práticos ou morais, nos estritos limites da razão teórica. Assim, a filosofia estará voltando a apelar ao imperativo categórico, tal como Kant já o fizera tão profeticamente.

222. VON ZUBEN, Newton Aquiles, Projeto e utopismo dialógico: uma questão antropológica, *Reflexão*, 1 (4): 93 – 105, out./dez. 1976; *Presença Filosófica*, 3 (1): 8 – 20, abr./jun. 1977.

O artigo retoma, com algumas modificações, a comunicação apresentada pelo autor, na 3ª Semana Internacional de Filosofia, realizada em Salvador, julho/1976. Nele, o autor aborda a questão da significação da Antropologia Filosófica que, ao ser reflexão sobre o sentido da existência humana, é também reconhecimento da exigência da realização do destino desta existência, o que implica a articulação da antropologia enquanto logos, com a ética enquanto práxis, transformando-se, portanto, numa antropopráxis.

AXIOLOGIA:

223. ZILLES, Urbano, Valores no mundo de hoje, *Veritas*, 21 (84): 313 – 325, nov., 1976.

Partindo da existência de valores relacionados com o ser do homem na história, o autor analisa sua atualidade nas condições atuais da civilização humana, decorrentes das profundas mudanças causadas pela ciência e pela técnica. Mas, por maiores que sejam estas alterações, elas não poderão eliminar a significadora presença do valor inserido que está num valor básico e é o próprio mistério da pessoa humana.

ESTÉTICA:

224. GALEFFI, Romano, O objeto estético como problema filosófico, **Rev. Bras. Fil.**, 26 (104): 460 – 467, abr., 1977.

O autor propôs-se a discutir se o objeto é objeto do estudo filosófico e tenta solucionar este problema. Apresenta as posições de Espinosa e de Kant e discorre sobre a concepção empirista, sobre o idealismo absoluto, propondo uma síntese entre as posições antitéticas baseadas no criticismo kantiano. Faz alusões ao belo, ao feio e à necessidade de distância estética para que um objeto alcance a qualidade estética. C.E.T.S.

FILOSOFIA POLÍTICA:

225. LINS, Osman, O Escritor e a Política, **Suplemento Cultural**, 1 (25): 7, 3/4/77.

O eventual comprometimento da literatura com a política foi o tema questionado na Feira do Livro de Frankfurt. Enfatizou-se essa interação na própria obra e, ainda, mediante uma atividade paralela, individual. Nessa última, os escritores deixaram-se seduzir, naquele conclave, por um diálogo muito aquém de sua literatura, inspirados possivelmente, numa suposição injustificada, da falta de acesso do público às suas idéias. A definição política da obra, dessarte, como se evidenciou, freqüentemente se revela inscrita no seu conteúdo literário, por ser indelével da realidade histórica nela focalizada. M.C.N.L.

226. SOUZA, Maria do Carmo Campello de, **Estado e Partidos políticos no Brasil (1930 a 1964)**, São Paulo, Alfa-Omega, 1976; prefácio de Victor Nunes Leal (Bibl. Alfa-Omega de Ciências Sociais, série 1ª, vol. 3 — Política), 180 p.

A autora aborda a formação do sistema partidário brasileiro a partir de 1930, período em que teve início a construção deste quadro partidário que vai desaparecer em 1964. Definida a orientação teórica e as decorrentes categorias de análise, a autora analisa as origens, a formação, a evolução e a crise do sistema partidário do Brasil.

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO:

227. BAUAB, Maria Aparecida Rocha, *A História da Educação e o Futuro, Humana*, 1: 91 – 98, 1975.

A autora parte da abordagem de predileção dos historiadores pela análise e estudo dos períodos críticos da História, acreditando que esta preferência se deve ao fato de, nos períodos de crise, o homem precisar refletir se quiser encontrar novas soluções para os problemas. Coloca a importância da utilização, pelo homem, de seu conhecimento histórico, nesses momentos em que a variedade de experiência e as soluções costumeiras se tornam inadequadas para as situações problemáticas. Ressalta que em todas as áreas de conhecimento, mesmo nas de ciências exatas, é essa visão histórica que possibilita ao homem verificar o relacionamento entre presente e passado e a análise dos pontos deste passado que devem ser preservados e de quais devem ser inovados. O desenvolvimento desta perspectiva do homem envolve educação e, por isso, esta visão histórica assume papel importante para o educador. É a História da Educação que, possibilitando-lhe uma visão crítica do passado e do presente, possibilitar-lhe-á novos rumos para seu trabalho futuro. E.V.R.S.

228. CARTOLANO, Maria Tereza Penteado, *A filosofia na formação do professor de 2º grau, Reflexão*, 1 (4): 115 – 132, out./dez. 1976.

O artigo levanta os problemas, as carências dos fundamentos antropológicos concernentes à filosofia da educação enquanto disciplina básica da formação do professor destinado ao magistério do 2º grau, no contexto da realidade brasileira. Após delimitar o problema, a autora apresenta seu modelo de filosofia, o referencial teórico de uma antropologia filosófica que encontra no pensamento de Paulo Freire e discute a decorrente concepção de educação, concluindo com a afirmação de sua exigência para a formação dos professores do 2º grau.

229. GUIMARÃES, Neljanir da Silva, *O projeto Rondon, Veritas*, 21 (84): 326 – 341, nov. 1976.

Após situar a missão da Universidade no contexto do desenvolvimento, o autor apresenta as exigências e as formas de participação da

juventude neste processo de desenvolvimento através do Projeto Rondon, cuja estrutura, programas, extensão, objetivos e metas, ele expõe na seqüência do artigo.

230. JANICOT, Aimé, Técnica e pedagogia dos recursos audiovisuais, **Rev. Bras. Est. Ped.**, 61 (138): 197 – 210, abr./jun. 1976.

O autor critica o uso incontrolado dos meios audiovisuais que permitem à Indústria, aos bancos e à administração política atingirem os conteúdos da educação que, por conseguinte, correm o risco de subservirem aos interesses de ideologias, cujo escopo é a movimentação de grandes capitais, a rentabilidade, sendo o educador-educando os primeiros visados pela máquina econômica. Após a era dos pedagogos impermeáveis à economia, estamos assistindo ao nascer da era dos administradores indiferentes ao humanismo. Somente na dosagem proporcional do uso dos meios audiovisuais é que o professor logrará instruir, ensinar e educar, isto é, suscitar potencialidades e despertar o senso crítico das realidades que descobre, vive e manipula. D.P.

231. LODI, Nilse Aparecida, A História da Educação como disciplina escolar, **Humana**, 1: 115 – 125, 1975.

A autora parte da colocação das origens do curso de Pedagogia em nossas Faculdades de Educação, Ciências e Letras. Considerando, então, a inclusão da disciplina no currículo do curso de Pedagogia e o fato de que as razões desta inclusão não têm sido profundamente estudadas e que, conseqüentemente, os próprios alunos as problematizam, pretende ela fornecer alguns elementos para a reflexão sobre o assunto. Ressalta o caráter de complementação da formação do educador que a História da Educação tem, visando fornecer-lhe uma profunda consciência histórica do fenômeno pedagógico e uma visão global de educação. Por outro lado, justifica a introdução da disciplina História da Educação Brasileira no currículo do curso de Pedagogia, pela necessidade urgente de se efetuar mudanças no sistema educacional brasileiro de acordo com a nossa realidade passada e presente. Finaliza questionando as contribuições que a disciplina História da Educação pode dar ao educador de nossos dias. E.V.R.S.

232. MAIA, Nelly Aleotti, Ensino programado e tecnologia da educação, **Rev. Bras. Est. Ped.**, 61 (138): 211 – 217, abr./jun. 1976.

A autora acena para a importância das mudanças tecnológicas em comunicação como as mais penetrantes na transformação da sociedade humana. Em educação, a fim de atender às necessidades das demandas sociais, faz-se mister o uso de uma tecnologia educacional com a consequente programação do ensino. Esta favorece o atendimento de maior número de alunos, informa com maior rapidez e parece ser uma nova forma de evitar a defasagem. Quanto às críticas que o método sofre no referente à qualidade, a autora responde que qualquer método de ensino, inclusive o tradicional, repousando na passividade do aprendiz, prejudica a reflexão e o diálogo. O ensino programado visa a uma educação mais eficaz, mas igualmente fundada em valores, pois qualquer tecnologia deve ser examinada à luz de valores ou fins educacionais. D. P.

233. OLIVEIRA, João Batista de, Tecnologia educacional: conceitos e pre-conceitos, **Rev. Bras. Est. Ped.** 61 (138): 183 – 196, abr./jun. 1976.

O artigo começa pelo conceito vulgar de TE para, em seguida, focalizar uma série de definições ou explicitações, deixando transparecer claramente a complexidade do problema. Pelo menos três áreas do conhecimento humano tornaram possível o advento da tecnologia educacional: as ciências da informação e da comunicação, a psicologia da aprendizagem e da instrução e as novas contribuições do Planejamento e da administração. Retomando o sentido original de “techné”, o autor tenta definir a TE como uma estratégia de inovação, isto é, toda e qualquer aplicação ou utilização sistemática de conhecimentos científicos ou de outra natureza, a situações ou problemas educacionais; finaliza tecendo considerações fundamentais sobre os meios e objetivos da tecnologia educacional. D.P.

234. SALIMON, Ibraim Lafayete, Um estudo do aspecto político do planejamento educacional do Brasil, **Humana**, 1: 172 – 203, 1975.

Tentando verificar a vinculação existente entre política e planejamento educacional em geral, e no Brasil em particular, o autor inicia o desenvolvimento de suas idéias fazendo um levantamento de referências

temáticas. Em seguida, estabelece relações entre essas referências com leituras a respeito do assunto, constatando que a decisão de planejar é política no sentido de que o planejamento permite a adequação entre as necessidades pessoais e nacionais e os recursos disponíveis. Analisando então o Brasil como um país politicamente organizado, discute o planejamento brasileiro como ato político. Expõe algumas características do planejamento governamental brasileiro como expostas pelo Modelo Friedman e Riggs. Analisa, ainda, como modelo político a evolução do Plano Nacional de Educação, de 1932 a 1966. Para efeitos didáticos, o autor elabora esquemas de visualização, a eles se referindo no desenvolvimento de suas idéias, sempre que necessário. Conclui o artigo levantando questões relativas à nossa realidade, no sentido de propiciar novos rumos e continuidade para o estudo do assunto. E.V.R.S.

235. SAVIANI, Dermeval, Valores e objetivos na educação, **Didata**, (6): 44 – 49.

Mostrando a vinculação da práxis educacional com os valores e a dependência dos valores de uma concepção de homem, o autor apresenta inicialmente uma visão do ser do homem como simultaneamente ser situado num corpo, num espaço-tempo, numa sociedade e como ser transcendente, capaz de liberdade criadora e de valoração. Em seguida, o autor mostra como a educação, visando a determinados objetivos, estará, em verdade, realizando os valores fundados no homem.

FILOSOFIA DA CIÊNCIA:

236. MORAIS, João Francisco Regis de, **Ciência e Tecnologia: introdução metodológica e crítica**, São Paulo – Campinas, Cortez e Moraes – Inst. Fil. e Teologia PUC, 1977, 184 págs.

Dividido em três partes, o livro pretende inicialmente caracterizar teórica e metodologicamente a ciência, mostrando os seus caminhos e a linguagem que a comunica; em seguida, o texto aborda a questão da realidade tecnológica derivada da ciência, enfocando, de modo especial, a problemática suscitada pela cibernética; finalmente, o autor trata dos problemas da significação da própria ciência no contexto da existência humana, explicitando seus fundamentos antropológicos.

237. SCANTIMBURGO, João de, A cibernética e o primado do ser, *Rev. Bras. Fil.*, 23 (89): 26 – 37, jan./mar. 1973.

O autor discute a hegemonia da cibernética, 3ª revolução industrial, que toma o lugar da causa primeira na ordem temporal e, sobretudo, ameaça a confiança na Causa Primeira à qual tudo se relaciona. O endeusamento da cibernética traz uma inversão na hierarquia dos cosmos, colocando-se como causa primeira em detrimento da própria liberdade do ser causa segunda, que passa a viver na sua dependência. Mas o homem não pode aceitar o determinismo da ciência nem a inversão das causas, pois isto significaria pretender o primado do ser causa primeira. A máquina, por mais perfeita que seja e por mais amplas que sejam as suas funções, não deve sobrepor-se ao ser de cuja inteligência e vontade depende o seu uso e abuso.

FILOSOFIA DA ARTE:

238. BRILL, Alice, Arte e Filosofia na sociedade tecnológica, *Suplemento Cultural*, 1 (21): 3 – 5, 06/3/77.

O estudo pretende analisar o estatuto da filosofia e da arte, bem como das funções e situação do filósofo e do artista na nossa sociedade, tendo em vista a revolução operada na arte ocidental, transformando-a num veículo de indagação filosófica. A autora propugna por maior aproximação entre filosofia, arte e sociedade como reação à fragmentação progressiva do saber e, contrapondo linguagem figurativa à discursiva, caracteriza o artista-filósofo como aquele que problematiza a própria arte e sua época. J.D.

239. BRILL, Alice, Linguagem e arte: sua função na sociedade, *Suplemento Cultural*, 1 (26): 4 – 6, 10/4/77.

Considerando a capacidade de codificação como determinante da racionalidade do homem, a autora analisa a posição do indivíduo na sociedade, cujo código principal de comunicação é a linguagem. Citando outros símbolos sociais como música, dança e artes, fala a autora da tendência mitificadora do homem, em todos os níveis da sociedade; primitiva ou atual, distinguindo mitos espontâneos daqueles conscientemente im-

plantados. Sua proposição consiste na maior conscientização do indivíduo para que se comunique liberto dos pressupostos da sociedade através de uma consciência crítica. M.I.R.V.

FILOSOFIA DA LINGUAGEM:

240. PRETT, Dino, Em torno do problema da correção lingüística, **Suplemento Cultural**, 1 (13): 13 – 14, 9/1/77.

Procurando identificar uma linguagem padrão como correta, o autor faz uma pesquisa sociolingüística entre universitários de Recife, Salvador, Rio, São Paulo e Porto Alegre. Após exposição do projeto, no qual se visaria através da expressão usual, repensar as normas gramaticais, o autor conclui que uma correção da linguagem não seria suficiente mas necessária.

FILOSOFIA DA LINGUAGEM:

240. ROCCO, Maria Tereza Fraga, Lingüística: ciência e deslumbramento, **Suplemento Cultural**, 1 (16): 11, 30/1/77.

A autora aborda o estudo da lingüística no Brasil, levando o leitor a uma reflexão do problema. A despeito de diversos trabalhos já existentes entre nós, observa que o panorama da lingüística brasileira não é dos melhores. A lingüística no Brasil ainda busca modelos estrangeiros por estar carente de estudos próprios, derivando daí aplicação sem a devida dosagem adaptativa ao português nacional. Critica a pretensão de alguns lingüistas em colocar nos níveis pré-universitários, a lingüística como disciplina sistemática: pois é difícil encontrar alunos e professores, dada a deficiência básica de uma língua organizada. L.M.P.

FILOSOFIA DA COMUNICAÇÃO:

241. MACEDO, Ubiratan de, Origem do problema da comunicação em filosofia, **Suplemento Cultural**, 1 (25): 9, 3/4/77.

A tardia abordagem da comunicação pela filosofia, explicada por alguns filósofos pelo advento da técnica, é justificada pelo autor sob vários ângulos: a protelada consciência do próximo, despertada apenas pelo

cristianismo ao conclamar o homem à interioridade e ao amor ao seu semelhante; desde esse primeiro impulso, fatores diversos vêm ainda contribuindo para a contenção do desenvolvimento desse tema pela filosofia. Assim, a urbanização do mundo, o capitalismo e a explosão demográfica. Importante também o diálogo entre nominalistas e idealistas que sempre dificultou o desenvolvimento da comunicação. M.C.N.L.

FILOSOFIA DA CULTURA:

242. SCHADEN, Egon, O índio e sua imagem do mundo, **Suplemento Cultural**, 1 (26): 10 – 12, 10/4/77.

Citando a questão da insuficiência de estudos quanto aos sistemas simbólicos das tribos indígenas brasileiras e sul-americanas, por carência de uma metodologia que forneça instrumentos adequados ao antropólogo, o presente artigo pretende lembrar alguns aspectos próprios – exemplificando-os – das culturas indígenas. A finalidade é compreender a imagem do mundo como forma de conceber e de viver a realidade, numa estrutura sociocultural específica a cada grupo tribal. M.I.R.V.

Antônio Joaquim Severino

Nota: Colaboraram na elaboração desta Bibliografia, os seguintes alunos do Programa de Mestrado em Filosofia, desta Universidade: Carlos Eduardo Thomás da Silva (C.E.T.S.), Maria Conceição R. Pignatari (M.C.R.P.), Delírio Poltronieri (D.P.); Eliana Vieira Ribeiro Stort (E.V.R.S.), Jarbas Dantas (J.D.), José Júlio (J.J.); Luciana Hoffling (L.H.), Luís Marcos Pregolato (L.M.P.), Leonízia Toledo Tobar (L.T.T.), Maria Cristina Negrão de Lima (M.C.N.L.), Maria Eloísa Costa (M.E.C.), Maria Inês Vandrúsculo (M.I.V.), Nilo Romano Corsi (N.R.C.). Os resumos por eles elaborados são identificáveis pelas iniciais aqui assinaladas.